

Claude Lèpine (In Memory 1932 – 14 de Novembro de 2015)

Nunca pensei que algum dia iria escrever sobre a minha querida amiga-colega-antropóloga Claude Lèpine nessas condições. Durante anos convivemos e compartilhamos a mesma sala da UNESP-Marília. A nossa sala era a mais bonita do Departamento de Sociologia e Antropologia. Era uma sala grande com um janelão, que a Claude trazia enfeitada com quadros nas paredes, e um sofá e poltronas que ela tinha comprado. Lembro-me das cores vermelha e branca do sofá e poltronas. Nesta sala recebíamos os nossos alunos de orientação e dos núcleos de pesquisa. Claude andava sempre arrumada e enfeitada, com o seu cabelo ruivo, que ela própria pintava, unhas também pintadas e um bocado de enfeites, colares, pulseiras e anéis. Almoçávamos juntas num restaurante italiano ou no shopping num restaurante árabe. Claude comia pouca quantidade para não engordar.

O apartamento da Claude em Marília tinha cortinas à moda francesa e era também todo arrumado. Viajávamos juntas fazendo o circuito São Paulo-Marília-São Paulo. Nada incomodava a Claude. Ela curtia as viagens e as paradas, onde comíamos às vezes um lanche, às vezes um almoço. Ela sempre gostava de ir na loja, que ficava atrás do restaurant, para ver as novidades: coisas da Tailândia e de outros países asiáticos.

Assim era a minha amiga-colega-antropóloga. As nossas conversas giravam em torno da Antropologia: dos livros, dos conceitos e dos autores. Em épocas de seleção de mestrado e doutorado fazíamos as perguntas para a seleção dos candidatos da nossa linha. Ambas escolhíamos os trechos das provas de língua e em seguida, corrigíamos as provas. Sempre fomos apaixonadas pelos alunos. Discutíamos sempre a sua beleza, no caso das meninas, e inteligência no caso de ambos os sexos.

As nossas conversas pessoais giravam em torno dos seus irmãos, principalmente da sua irmã e dos seus irmãos, um que é professor de Astronomia da USP e outro que trabalha com computadores. Com o falecimento da sua mãe, o seu pai casou-se novamente e Claude ganhou uma meia-irmã, que costumava visitar em Paris. Visitava também a madrastra em Bordeaux e sentiu muito a sua perda. Quando perguntei que idade tinha a sua madastra, ela respondeu que isso não vinha ao caso. O seu falecimento não tinha nada a ver com a idade. Para Claude, minha amiga, a idade não tinha a mínima importância.

Claude também falava a respeito da Júlia, filha do Carlão e da Sonia, e da sua afilhada, a Bárbara, filha do primeiro casamento do Carlão. A amizade com o Carlão era muito antiga desde os tempos de Presidente Prudente, onde eles trabalharam juntos antes da reestruturação da UNESP, quando o curso de Ciências Sociais foi transferido para Marília. Claude era também muito amiga do Eli, do Departamento de Ciência Política, e da sua esposa. Costumava viajar com eles para o interior de Minas Gerais, terra do Eli, e também ia para a praia com os dois. Era muito sensível e correta em relação às amizades. Se algum amigo por qualquer que fosse a razão se afastasse, ela ficava muito triste. O que também aconteceu quando perdemos o nosso colega-amigo, o Chammé, com quem ela costumava falar em francês.

Claude, alta, de pele bem clara, olhos azuis esverdeados e cabelos vermelhos, era uma figura na faculdade. Era muito respeitada. Eu sempre dizia para mim mesma, se estivéssemos em alguma outra instituição ela teria recebido o título de professora-emérita porque trabalhava de modo incansável, dando aulas e orientando os alunos e trabalhando no grupo de Consciência Negra. Claude conservava o sotaque francês e costumava contar os números em francês também. Ela chegou no Brasil em 1946 com a idade de 14 anos, portanto logo depois da Guerra. O seu pai havia obtido um emprego na usina de açúcar de Porto Feliz em São Paulo. Era a mais velha de 4 irmãos, ao todo duas mulheres e dois homens. Sentiu muito a mudança brusca da França, e a ausência da avó e das flores de Bordeaux para a pequena cidade de Porto Feliz.

O pai não queria que ela fosse estudar em São Paulo. Ela foi e cursou filosofia na USP. Depois, Antropologia com o doutorado sobre Lèvi-Strauss. Há poucos anos publicou um livro sobre o Reino de Daomé na África, sua tese de livre-docência. Infelizmente, na época estava havendo uma guerra nessa região da África e Balandier aconselhou-a a não ir. Assim, a sua obra foi escrita em cima dos arquivos coletados e arquivados na França. Nunca conseguiu ir para país algum da África por mais que quisesse. Mas trouxe a África para os seus alunos e colegas. Até recentemente, antes de ficar doente, me deu um trabalho de um aluno sobre a culinária Africana no Brasil.

Juntas, com a participação de Fernanda Peixoto, organizamos uma Jornada de Ciências Sociais sobre a obra de Gilberto Freyre. Convidamos várias pessoas para apresentarem trabalhos. Queríamos, na época, mostrar ao nosso país a importância da obra de Gilberto Freyre que havia sido muito criticada e acusada de ser não-científica pelo “Sul-Maravilha.” Claude escreveu um lindo artigo sobre alimentação e participou do prefácio do livro.

Claude compartilhava de cada sucesso dos alunos com muito orgulho e alegria. Preocupava-se sempre com as condições de vida de cada um. Nunca recusou orientar aluno algum. Empréstava os seus livros para os alunos, mesmo sabendo que nem todos iriam devolver-los, nunca perdia a confiança neles.

Sempre irei carregar comigo as suas lembranças e tudo o que aprendi de Antropologia com ela. Gostava muito de lhe dar pulseiras e anéis de presente. Infelizmente, levei as últimas pulseiras quando fui visitá-la no Hospital do Câncer em São Paulo em julho deste ano. Ela gostou muito e imediatamente colocou as pulseiras no braço. Ao seu lado um livro de Lèvi-Strauss, numa edição em papel-bíblia.

Adeus, minha querida amiga.

Ethel Kosminsky